

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA  
SUPERIOR

**“A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA ESCOLHA  
PROFISSIONAL - UM OLHAR ATUAL”**

**Aluna: REGINA FERREIRA SOLANO**

2002

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA SUPERIOR

“A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA ESCOLHA  
PROFISSIONAL - UM OLHAR ATUAL.”

Aluna: REGINA FERREIRA SOLANO

Professor Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup> Rita Maria Manso de  
Barros –Doutora em Teoria Psicanalítica - UFRJ.

RIO DE JANEIRO

200 2

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA SUPERIOR

“A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA ESCOLHA  
PROFISSIONAL - UM OLHAR ATUAL”

Monografia apresentada à Escola de  
Educação da UNIRIO, como requisito  
para obtenção do título de Especialista  
em Docência Superior.

Aluna: Regina Ferreira Solano

Rio de Janeiro, 2002.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu filho Fernando o meu amor e o reconhecimento da compreensão que teve, das muitas vezes que ficou privado da minha companhia e dedicação pelo tempo dispensado a realizar esse trabalho. Agradeço a sua ajuda nas horas difíceis com o computador, pois certamente sem a sua colaboração não teria me entendido com essa máquina difícil.

A minha madrastra e ao meu pai, meu carinho eterno pelas muitas vezes que me acolheram com seus incentivos, me emprestando seu computador quando o meu não funcionava.

A minha orientadora Rita, minha gratidão pelo carinho e atenção com que me apontou caminhos e por estar me introduzindo no mundo da produção escrita, antes desconhecido.

**RESUMO:**

O trabalho apresentado tem como objetivo estudar a influência da família na escolha profissional dos jovens.

Foi baseado em três eixos norteadores: a história das relações da família com os ofícios, a adolescência e suas crises de identidade e a análise das influências que a família exerce no momento das escolhas.

Tais eixos têm elementos que contribuem para o esclarecimento da função e importância da família para o adolescente na escolha de sua profissão, a saber: a existência de fatores socio-econômicos que modificaram ao longo da história a relação do homem com o trabalho, as conseqüências dessas mudanças na estrutura e nas relações da família e a nova visão da ciência sobre a família, vendo-a como um sistema inserido numa ampla rede social.

**SUMÁRIO :**

## INTRODUÇÃO:

## CAPÍTULO I:

DA IDADE MEDIEVAL À FAMÍLIA MODERNA 4

## CAPÍTULO II:

DE 1500 ATÉ HOJE 13

## CAPÍTULO III:

## A FAMÍLIA E O JOVEM

• A FAMÍLIA 21

• O JOVEM A CAMINHO DO MUNDO 26

## CAPÍTULO IV:

IDENTIDADE OCUPACIONAL: ESCOLHAS A FAZER 33

## CAPÍTULO V:

CONSIDERAÇÕES FINAIS 37

BIBLIOGRAFIA 39

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho, o que proponho, é estudar um pouco mais um tema que na verdade muitos autores já abordaram, porém o assunto é apaixonante e de certa forma me vi atraída a fazer uma revisão bibliográfica sobre os eixos: família, escolha da profissão e o jovem de hoje, neste mundo conectado pelo capital.

Meu percurso começou quando voltei a estudar, motivada a rever meus conceitos e valores profissionais. No curso de Especialização em Terapia de Família, me vi envolvida com os novos paradigmas que as estudam como sistemas sociais e com as mudanças que os sistemas familiares precisam fazer para se moverem através de seus ciclos vitais. No curso de Especialização em Docência Superior vi renascer a minha paixão pelo pedagógico, estudando a história da educação no Brasil.

Em mim, professora primária e psicóloga, há algum tempo se instalou uma pergunta de curiosidade sadia, que penso também ter interesse para outras pessoas que ao longo de suas vidas, como eu, exercem várias e diferentes profissões. Na minha vivência do cotidiano, observei que algumas dessas pessoas procuram carreiras afins, compatíveis ou até mesmo complementares, enquanto outras podem ter duas ou mais profissões que aparentemente não demonstram correspondência entre si. Algumas exercem profissões diferentes simultaneamente, acumulando funções, já outras pessoas encerram ou abandonam uma profissão para se dedicarem a outra.

Penso que como eu, a maioria das pessoas, em determinado momento de suas vidas, se vê frente à possibilidade, a oportunidade ou mesmo a necessidade de ter que fazer uma escolha. Frequentemente essa escolha acontece quando se conclui um ciclo escolar sendo nessa fase que também acontece uma mudança no ciclo de vida. Na adolescência esse momento de escolha e decisão pode significar a diferença que vai delinear a clareza das escolhas em termos ocupacionais.

Vivemos a época da globalização, onde as informações e as mudanças acontecem muito rapidamente, a realidade sociocultural muda incessantemente, a toda hora o mercado móvel do capital necessita de novas carreiras, mais especializações e novos campos de trabalho.

A globalização e a possibilidade de acesso a muitos meios de comunicação junto com a velocidade das informações, torna a diversidade de escolhas praticamente infinita. Cabe saber: Essas múltiplas possibilidades de profissões que a pós-modernidade impõe ao homem, ajudam ou dificultam a escolha do jovem?

Paralelo ao acesso à informação, facilitado pela tecnologia, e das possibilidades de áreas de atuação, existem as realidades culturais e sociais que estão presentes no dia a dia, no interior da família.

Com este pano de fundo, nesta monografia, vou usar como norteadores de minha reflexão, as seguintes questões: Quais as influências que a família exerce sobre o jovem na escolha profissional, nos dias atuais, no mundo globalizado em que vivemos? Ou melhor: Será que ainda hoje, neste mundo conectado, o sentimento de familiaridade - de primeiro grupo social ao qual o indivíduo pertence e que é transmissor de valores morais e culturais - existe e de que forma tem alguma influência na escolha da profissão? Será que escolhas tão decisivas são feitas em casa, com a aprovação e o apoio da família? Será que são escolhas tão definitivas que não podem ser revistas ao longo da vida do indivíduo?

Não existe, hoje, nenhuma pretensão de minha parte em responder a essas questões, mas sim alimentar as discussões sobre o tema com uma pequena contribuição. Estou partindo do pressuposto de que em algum momento a família teve influência direta e/ou indiretamente na escolha da profissão da nova geração.

Das influências diretas, vamos falar de épocas onde se dava naturalmente a escolha do ofício pela família. Na Idade Média, as famílias faziam seu legado de herança cultural e social através da educação do cotidiano da vida e naturalmente incluíam a aprendizagem de um ofício. Na

história do Brasil, as famílias coloniais também decidiam o destino de seus filhos, tanto o destino afetivo quanto a ocupação profissional. Também acontecia de forma natural as famílias destinarem os filhos que seguiriam a descendência familiar em relação aos negócios, os que teriam o direito da herança e também os outros que seriam destinados a servir a Deus. Podemos ainda lembrar que no passado à escolha e a realização dos desejos, fossem de qualquer natureza, passavam pelo crivo da família.

Das influências indiretas podemos falar de que forma a família e o adolescente estão envolvidos no processo de busca de identidade do jovem. Como a família reage diante das escolhas e qual mensagem deixa transparecer? Como a aprovação da família pode e será que pode influir de alguma forma, na escolha profissional? Qual o valor do incentivo dos familiares?

Na busca de uma fundamentação teórica para a função da família enquanto transmissora dos valores de uma sociedade, no primeiro capítulo procurei fazer um resgate histórico das relações familiares e da escolha do ofício na era medieval. No segundo capítulo, procurei fazer um resgate da educação do Brasil colonial e as conseqüências no mercado de trabalho com a implantação do capitalismo. No terceiro capítulo focalizei a família enquanto um sistema de relações afetivas além da busca da identidade adulta pelos adolescentes. No capítulo 4 procurei definir a identidade ocupacional, as relações do jovem com o trabalho e o trabalho como forma de inserção social. O capítulo 5 foi de considerações finais.

Trabalhei com a hipótese de que ainda hoje, apesar deste mundo conectado, os jovens sofrem influências da família na sua escolha profissional.

## CAPÍTULO I

### DA IDADE MEDIEVAL À FAMÍLIA MODERNA

Na Idade Média, segundo Áries, a criança era vista pela sociedade como um ser humano em miniatura. Passada a fase dos mimos, a fase da amamentação que se estendia até uns sete anos, a criança ficava em meio aos adultos, onde aprendia o que era necessário para a vida cotidiana.

*Um texto italiano do fim do século XV dá-nos uma idéia muito sugestiva da família medieval, ao menos na Inglaterra. Ele foi extraído pelo historiador inglês Furnival de uma Relação da Ilha da Inglaterra de um italiano: A falta de afeição dos ingleses manifesta-se particularmente em sua atitude com relação às suas crianças. Após conservá-las em casa até a idade de sete ou nove anos (em nossos autores antigos, sete anos era a idade em que os meninos deixavam as mulheres para ingressar na escola ou no mundo dos adultos), eles as colocam, tanto os meninos como as meninas, nas casas de outras pessoas, para aí fazerem o serviço pesado, e as crianças aí permanecem por um período de sete a nove anos portanto, até entre cerca de 14 e 18 anos. (Áries : 1991,225)*

Era hábito das famílias mandarem seus filhos para casa de outras famílias afim de que aprendessem a servir bem. O serviço doméstico e a aprendizagem se confundiam. Aprendizagem de um ofício e o trabalho aconteciam em idade precoce, para os padrões atuais. As famílias também recebiam filhos de outras famílias, para que aprendessem um ofício que suas famílias não podiam oferecer.

*Elas são chamadas então de aprendizes. Durante esse tempo, desêncumbem-se de todas as tarefas domésticas. Há poucos que evitam esse tratamento, pois todos, qualquer que seja sua fortuna, enviam assim suas crianças para casas alheias, enquanto recebem em seu próprio lar crianças estranhas. (Áries : 1991,226)*

Na época a noção de serviço era essencialmente o serviço doméstico e os aprendizes seguiam os mestres como uma espécie de secretários. De fato o serviço doméstico se confundia com a aprendizagem, e

isso era uma forma comum de educação. Não havia uma delimitação definida entre o que era serviço doméstico, vida particular e a profissão. Era através da participação na vida da casa, que o mestre transmitia ao "valete" seus conhecimentos do ofício, a prática deste ofício e os valores culturais da sociedade em que viviam.

O hábito de enviar os filhos para outras casas também passava pela crença de que suas crianças aprenderiam melhor as boas maneiras. Na verdade havia um intercâmbio de crianças e jovens que viviam nas casas de outras famílias aprendendo os ofícios e a realizar as tarefas domésticas necessárias para se viver.

Ao que parece, este modo de vida foi comum na Europa Ocidental, inclusive existiam contratos, que podiam ser firmados através de documentos ou simplesmente apalavrados, onde as famílias especificavam o que caberia ao mestre transmitir ao aprendiz, e as características da criança que estava sendo enviada. O serviço doméstico era visto como natural e não havia nenhuma degradação no fato de servir. O sentido da educação era muito mais amplo, era o sentido de aprendizagem de vida e este hábito de enviar seus filhos para outras casas abrangia todas as classes sociais.

Na época, não havia limites definidos entre o mundo do trabalho e a vida privada, assim, a bagagem de conhecimentos e a experiência prática dos ofícios eram transmitidos e aprendidos sem a pedagogia que utilizamos nos dias de hoje.

Desta forma, a transmissão dos conhecimentos se dava de geração para geração através da convivência, logo não havia ainda lugar para a escola ter a primazia de transmissora de saberes e a função educadora. Segundo Àries, *"a escola era na realidade uma exceção, e o fato de mais tarde ela ter-se estendido a toda sociedade não justifica descrever através dela a educação medieval: seria considerar a exceção como regra."* (Àries : 1981,229)

Podemos observar ainda que até as crianças que iam para a escola também encontravam-se misturadas aos adultos e a outras crianças mais velhas, e que mesmo nas escolas não havia separação por idade ou

dificuldade do conteúdo do conhecimento a ser transmitido; a transmissão dos conteúdos não obedecia a uma didática que privilegiasse uma ordem crescente de dificuldades. O que era ensinado a uma criança de sete anos era ensinado da mesma forma a um jovem de dezoito.

Assim, tanto em casa como na escola as crianças viviam misturadas aos adultos, não havia um sentimento de infância, na verdade não havia uma clara noção de infância. As iconografias da época mostram a falta do sentimento de infância, no sentido de não reconhecer as diferenças e de não identificar a infância como uma fase singular do desenvolvimento. Àries afirma, *... "até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la... É provável que não houvesse lugar para a infância neste mundo." (Àries :1981,50)*

De fato, as representações iconográficas de crianças nesta época revelam o que se poderia chamar de adultos em miniatura. As crianças eram reproduzidas em escala menor nas cenas do cotidiano onde apareciam no meio dos adultos. O que se observa é que não havia uma intenção em se distinguir as crianças dos adultos com a representação anatômica adequada da fisionomia infantil. Dessa forma, as crianças eram representadas como adultos só que em escala menor e isso nos induz a pensar que a criança não merecia uma atenção especial para suas necessidades específicas e nos mostra claramente que não havia uma consciência das diferenças entre a infância e a vida adulta.

No mundo medieval, assim que a criança abandonava a ama entrava naturalmente para o mundo dos adultos. Passada a fase dos mimos, onde o relacionamento era permeado pelos agrados e pelos gracejos infantis, ela logo se misturava aos adultos e passava a tomar parte em toda a vida da família. Nessa época, pelas próprias condições de insalubridade em que a sociedade vivia, a mortalidade infantil era vista pela família como um fato passível de acontecer e o que poderia parecer uma falta de sentimentos e de afeto pela criança, quando esta morria, na realidade era uma idéia generalizada da fragilidade das crianças.

Este pensamento aponta para o fato de que aquela família não via a criança como um ser em formação, com personalidade, e que a grande possibilidade de perda não estava relacionada às condições demográficas da época e sim a possível crença de que as crianças muito pequenas não tinham alma imortal.

As definições que a sociedade medieval dava as fases da vida constavam dos tratados pseudocientíficos da época e eram representadas através da iconografia. Assim, *“seus autores empregam uma terminologia puramente verbal: infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade - cada uma dessas palavras significando um período diferente da vida.”* (Aries :1981,33)

Algumas vezes representavam as fases da vida correlacionando-as com a natureza, utilizando as estações do ano dos calendários, como referência aos planetas, as atividades da lavoura, ou ainda como marcadores das festas folclóricas, associando as fases da vida ao que corresponderia a etapas bem definidas.

Durante a Idade Média existiu uma abundante terminologia para determinar as idades da vida, mas ao que parece até o século XVIII, a adolescência e a infância se confundiam.

Até mesmo nos tratados morais, que orientavam e esclareciam os pais quanto às regras de comportamento, chamados *tratados de sociabilidade*, não faziam uso de uma única nem especial nomenclatura para designar os jovens; mas, ao contrário da falta de definição do termo, a adolescência era bem conhecida como uma idade que precisava de controles e governos, pois o jovem é suscetível a comportamentos inadequados no convívio social.

No Livro dos Jovens encontramos a seguinte referência ao comportamento de um grupo de jovens, do ano de 1532, em protesto ao clero:

*“Além disso, nas trevas da noite circulam com tambores, e durante a noite saem lambuzando com fezes humanas as fechaduras das portas dos pregadores... A juventude é o tempo dos apetites e de seu excesso. Assim ela aparece como continuação direta da infância. Após a idade da fragilidade do corpo e das primeiras aprendizagens, vem a*

*fragilidade da alma e da razão".(Levi,Giovanni e Schinitt,Jean-Claude: 1996;191)*

Um outro fato interessante para se entender as relações da família medieval é a construção das casas, que apesar das grandes proporções externas, às vezes palácios, tinham uma disposição interna de cômodos se interligando, sem uma definição exata a que se destinavam, o que favorecia uma total falta de privacidade das famílias. Nessa casa, tanto a família e empregados quanto os convidados, viviam compartilhando os espaços .

Essa falta de definição dos cômodos que podiam ser ao mesmo tempo lugar onde se armam as camas, salão para as festas ou o atellier onde se realizam obras de arte ou se fecham negócios, nos dá a nítida impressão que as famílias estavam sempre cercadas de outras pessoas e compartilhando o espaço da casa com visitas. O hábito dos negócios se realizarem dentro das casas e a presença das crianças participando de toda essa movimentação nos dá a perspectiva de como a educação acontecia.

O que se via é que a vida da família e de todas as pessoas que moravam na casa era sem segredos, o cotidiano era compartilhado e exposto nessa casa sem portas e por onde circulavam várias pessoas por vários motivos.

Essas pessoas, apesar da primeira impressão de que viviam numa sociedade desorganizada, tinham na vida coletiva um espaço para demonstrarem suas regras de civilidade. De fato, mesmo dos jovens aprendizes era exigido que seguissem as normas do bem viver.

Como desde cedo a criança saía do convívio de sua família para se inserir no mundo dos adultos, nessa época não existia entre pais e filhos um sentimento de afeto profundo, baseado na convivência. A família existia enquanto uma realidade social, de preservação das linhagens, dos valores morais, de transmissão da cultura e não como um núcleo afetivo, conforme a entendemos hoje.

A partir do século XV, com o aumento gradual da freqüência das crianças na escola a família se transforma. A escola passa a ser vista como um

recurso para livrar a criança do mundo dos adultos. Essa proposta de transformação foi induzida pelos educadores e pelo clero que introduziram um novo rigor moral nas relações sociais, o que veio ao encontro, por outro lado da existência de um desejo dos pais de estarem mais perto de seus filhos, com o intuito de vigiá-los e protegê-los.

*“A substituição da aprendizagem pela escola exprime também uma aproximação da família e das crianças, do sentimento da família e do sentimento da infância, outrora separado. A família concentrou-se em torno da criança”.(Áries: 1981,232)*

No início, essas escolas somente afastavam, isolavam as crianças do seu meio social, pois eram poucas e distantes. As crianças ficavam da mesma forma longe do convívio familiar, moravam em pensionatos ou na casa dos mestres, e eram estes que organizavam as visitas as suas famílias, seguindo um planejamento estabelecido nos contratos educacionais. Porém, aos poucos a criança foi se aproximando mais da família e estreitando os laços afetivos.

Essa aproximação da família favorecida pela escola e pela interferência da mãe, que desejava seus filhos mais próximos de casa para poder conviver mais com eles, levou a um gradativo aumento do número e proximidade entre as escolas, conseqüentemente os jovens passam a ter mais opções e a ficar mais tempo com suas famílias.

A escola venceu as resistências sociais tanto da nobreza quanto dos artesãos, que inicialmente não mandavam seus filhos para a escola. Somente por volta do século XVII, observa-se o desuso do hábito da permuta de crianças e a procura por uma instrução especializada em substituição à prática. Ainda assim, no início a escola era restrita aos meninos, as meninas continuaram a ser educadas em casa até por volta do século XVIII.

A aproximação da família com seus filhos levanta ainda a questão dos direitos dos filhos, pois até o começo do século XIX, a família ainda favorecia uns filhos em detrimento dos outros, era costume privilegiar o primogênito. Essa aproximação leva famílias e juristas a promoverem

mudanças nas leis, introduzindo-se nos códigos civis as igualdades de direitos. *"Tendia-se agora atribuir à afeição dos pais e dos filhos, sem dúvida tão antiga quanto o próprio mundo, um valor novo: passou-se a basear na afeição toda a realidade familiar".*(Áries: 1981,235)

Uma intimidade maior entre pais e filhos aparece claramente e a afetividade que essa nova família tem pela criança coloca-a como centro de suas atenções. A família precisa de privacidade. As relações sociais se modificam, assim como as estruturas das casas. No século XVIII, já vemos a família moderna que se expandiu por todas as classes sociais. *"A família moderna retirou da vida comum não apenas as crianças, mas uma grande parte do tempo e da preocupação dos adultos."* (Áries : 1981,278)

A evolução da família se deu da Idade Média até a Idade Moderna na razão contrária da sociabilidade. A densidade social que existia na época medieval não deixava lugar para a família. A família existia como realidade vivida, mas não existia como sentido de valor. *"Ela correspondeu a uma necessidade de intimidade, e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida."* (Áries : 1981,278)

Começamos a ver as pessoas se organizando em famílias e por classes sociais, se identificando com os que se assemelham aos seus valores morais e seu modo de vida, deixando para trás o antigo modelo de sociabilidade onde as pessoas de diferentes idades e condições se misturavam, num corpo social único *"Apesar dos contrastes estridentes, essa miscelânea não surpreendia ninguém: ela pertencia à diversidade do mundo, que devia ser aceita como um dado natural".*(Áries: 1981,279)

Na sociedade moderna a família burguesa passa a procurar a intimidade protegida em novas casas, que agora são fechadas em bairros previstos para evitar o excessivo convívio social que em outras épocas a afastou de estreitar seus vínculos. Na família moderna a criança passa a ser o centro das atenções, a família passa a se organizar em torno da criança. O sentido de se proteger levanta um muro entre a vida social e a vida privada.

O estudo iconográfico da Idade Média mostrou-nos o novo lugar assumido pela família na vida sentimental dos séculos XVI e XVII. É significativo que nessa mesma época tenha ocorrido mudanças importantes na atitude da família para com a criança. A família transformou-se profundamente na medida em que modificou suas relações internas com a criança.

Ao estudar a obra de Philippe Ariès, fica claro como eram constituídas as famílias na Idade Média, seus costumes, o modo de se relacionarem em sociedade, como moravam, como tratavam seus mortos, como tratavam os vivos e, o que mais me interessou, como se construía as relações em família, e como a família se relacionava com a infância e com o trabalho.

Porém, é preciso compreender um pouco os fatores políticos e econômicos que levaram a essas mudanças sociais e no que toca diretamente as mudanças na estrutura das famílias, da família medieval à família moderna.

As grandes mudanças socioeconômicas acontecem sempre acompanhadas de lutas políticas. A implantação do capitalismo na Europa veio acompanhada de resistências de antigas forças para a permanência do regime feudal. Na Inglaterra, durante o século XVII, as forças sociais da burguesia consideravam que o excesso de poder do rei, o *absolutismo*, regime de governo apoiado pelo feudalismo, e sua intervenção nos assuntos econômicos atrapalhavam o desenvolvimento dos negócios comerciais. A burguesia fundou a igreja presbiteriana, propondo uma igreja não subordinada e desligada do poder do Estado, do poder do rei. De um lado do conflito, estavam a burguesia, os donos das manufaturas, os pequenos proprietários rurais, do outro lado do conflito estavam a nobreza católica e anglicana e o rei. Ao final da guerra civil temos o fim do absolutismo e o estabelecimento da superioridade das leis, do parlamento e o surgimento do Estado liberal. Logo foram criadas as condições favoráveis para o avanço do capitalismo.

O desenvolvimento do capitalismo nos séculos XVII e XVIII foi acompanhado pela crescente importância social da burguesia, que cada vez mais tomava consciência de sua importância política; a luta contra o antigo

regime, dos senhores mercantilistas, levou a elaboração de um conjunto de idéias e ideais, e de movimentos culturais e transformações sociais, aparecendo assim o movimento chamado *iluminismo* que introduziu novos valores políticos e sociais, através de intelectuais como Voltaire e Rousseau.

Na metade do século XVIII, o progresso científico e tecnológico facilita a produção de milhares de produtos em pouco tempo, e isto vem mudar radicalmente as relações de trabalho que a humanidade conhecia, implantando definitivamente o modo de produção capitalista.

A produção artesanal cede lugar a produção manufaturada que cede lugar à produção industrializada. A pequena oficina cede lugar a grande oficina que cede lugar à fábrica. O trabalho realizado por uma só pessoa cede lugar a divisão de trabalho em linha de produção que cede lugar ao aumento da divisão de trabalho e das linhas de produção. A produção mecanizada substitui o trabalho dos operários e das ferramentas.

A indústria passou a substituir o trabalhador que tinha um ofício e o homem teve que se mudar do campo para as cidades em busca de emprego nas fábricas como fonte de subsistência. O homem deixa de ser rural e passa a ser urbano.

Além das transformações que incorreram diretamente no mundo do trabalho, a implantação do capitalismo industrial levou, com a produção em série de seus artigos, a uma massificação de preferências, impondo novos valores e costumes às famílias.

Essa transformação socioeconômica, a revolução industrial, mudou a vida da humanidade de uma maneira geral e definitiva, e fez ainda as cidades crescerem e se urbanizarem, os meios de transportes se desenvolverem e se diversificarem pela necessidade de escoamento da produção e os meios de comunicação evoluírem a ponto de atravessarem barreiras de continentes.

## CAPÍTULO II

### DE 1500 ATÉ HOJE

Tentaremos em poucas palavras resumir muitos séculos para mostrar, como no Brasil, as mudanças pelas quais o mundo ocidental passava, levaram ao descobrimento e ao que veio depois do descobrimento. Destacaremos, principalmente, o que pensava a metrópole sobre a educação para a colônia e como se davam às relações da família com o trabalho.

Veremos um pouco quem era o educador jesuíta, o que pretendia sua filosofia educacional e quem eram os educandos: os índios, os brancos e os excluídos da educação formal, os negros e as mulheres.

A da história da educação se confunde com a própria história do Brasil, portanto, aqui teremos um pequeno retalho de alguns aspectos que consideramos importantes.

Não cabe aqui aprofundar a análise das questões políticas e econômicas que levaram à descoberta do Brasil, mas é válido relembrar alguns momentos do quadro sócio-econômico da época, e lembrar que as grandes mudanças são um conjunto de fatores econômicos, sociais e políticos que criam as condições favoráveis para a implantação de novos sistemas.

Conforme anteriormente já descrito neste trabalho, os países da Europa ocidental, do século XII ao XV estavam na fase do pré-capitalismo, que corresponde ao nascimento do capitalismo e se caracteriza pelo trabalho ser artesanal e realizado primeiro pelo artesão depois pelas corporações de ofício. O que existia eram pequenas oficinas com os seus aprendizes, que podiam ou não ser remunerados pelo serviço que faziam.

Do século XVI ao XVIII, esses países vivem no capitalismo comercial (mercantil), onde já existe o trabalho remunerado e o comércio ocupa lugar de importância na economia. Nesta época a agricultura e a atividade industrial não tinham primazia na reprodução do capital.

Do século XVIII ao XX, é a etapa do capitalismo industrial, que se generalizou, a partir de 1750, impulsionado pela Revolução Industrial, na

Inglaterra. Nos dias atuais, vivemos no capitalismo financeiro que se caracteriza pela alta concentração de renda.

Alguns países europeus, principalmente a Espanha, a França, a Inglaterra e Portugal, estavam lidando com a resistência do regime feudal que desejando manter os privilégios da nobreza impedia o pleno desenvolvimento da economia capitalista; resistindo à contratação da força de trabalho, opondo-se à livre produção e levantando restrições ideológicas. Época das grandes navegações e descobrimentos, pois o equilíbrio da economia mercantilista precisava ser mantido.

A colonização dos países conquistados consistia na exploração das riquezas naturais, ouro e pedras preciosas, no sentido de acumular riquezas transportáveis, tornando-se uma economia complementar à da metrópole.

Na descoberta do Brasil, os portugueses encontraram aqui os índios que viviam ainda na era do mito. Sua organização social e política eram simples, eles viviam em tribos, agrupados por nações. Eram um povo sadio, que viviam da caça e pesca; felizes dentro do seu universo, adoravam as forças da natureza como deuses, e o trabalho era dividido de acordo com a idade e o sexo. A educação indígena era eminentemente empírica, consistindo em transmitir de gerações para gerações uma tradição codificada.

*"Os padres da recém-criada (1540) Companhia de Jesus chegaram ao Brasil em 1549, junto com o governador-geral Tomé de Souza. Sua missão era a de cumprir o mandato real de conversão dos índios e dar apoio religioso aos colonos, para o que recebiam subsídios do Estado, bem como sesmarias destinadas à manutenção dos estabelecimentos que viessem a criar." (Cunha :1986,24)*

O Brasil dos indígenas e dos primeiros filhos de portugueses nascidos aqui, era simples e sem recursos culturais e portanto terreno fértil para brotar a educação e a catequese. A escola, como formação social, ministra sempre o saber da classe dominante e a primeira educação brasileira foi cristã, educação jesuíta. *"O primeiro colégio jesuíta do Brasil foi fundado na Bahia, sede do governo-geral, em 1550. Em 1553, começou a funcionar o curso de humanidades e, em 1572 os cursos de artes e teologia." (Cunha :1986,30)*

O conceito de educação trazido pelos jesuítas era baseado na liberdade, no respeito à pessoa, na universalização da espiritualidade e conseqüentemente, no direito à educação para o índio e o negro. Em 1572, ministraram-se os cursos de teologia e artes no colégio dos jesuítas na Bahia, como ensino superior.

Manoel de Nóbrega concretiza o espírito democrático cristão universalizado, o sistema educacional da Companhia de Jesus era completo e total, a educação era em todos os níveis: teológico, filosófico e pedagógico.

Mas apesar dos reiterados pedidos de Nóbrega, as mulheres, inclusive as meninas índias, não tiveram acesso à educação. Pouquíssimas mulheres entre 1578 e 1700, eram alfabetizadas nem tampouco sabiam escrever o nome (em um levantamento da época somente duas). Vale lembrar que as primeiras mulheres que aqui chegaram, tal qual os homens, não pertenciam à aristocracia e não havia nenhum motivo para a coroa investir em sua educação. Aliás, com sua morte, em 1570, uma filosofia derivada da metrópole segregava da escola, o índio e o pobre.

Como não poderia deixar de ser, ficavam também excluídos da escola o negro e seus filhos, mesmo que libertos, pois haviam vindo para a colônia apenas para trabalhar. Os portugueses, ao instalarem aqui as primeiras feitorias, vilas, missões e fortificações, estavam trazendo a classe média, latifundiária (donatários) da sociedade portuguesa, como também os degradados da metrópole, a mão de obra escrava e os índios.

A sociedade brasileira formou-se e sofreu mudanças em função das atividades econômicas do país. A principal atividade comercial do Brasil colônia era a agricultura, a mão de obra era escrava e a sociedade era rural.

A base da família era o sistema patriarcal, o pai era o chefe da família e estava acima de todos. Do outro lado do sistema estavam os escravos, submetidos ao regime de exploração de mão de obra.

Na realidade, o senhor de engenho tinha o poder de vida e morte tanto da família como da senzala. Era o patriarca quem decidia o destino dos filhos e comandava a vida dos escravos. As filhas tinham duas opções para

seus destinos, ou o pai lhes escolhia um noivo ou iam para o convento. Esta sociedade era eminentemente uma aristocracia rural, a pouca vida urbana era marcada pelas características rurais.

*“É verdade que para escandalizar o padre inglês não eram precisos casos extremos de incestos: bastavam os casamentos, tão freqüentes no Brasil desde o primeiro século da colonização, de tio com sobrinha; primo com prima. Casamentos cujo fim era evidentemente impedir a dispersão dos bens e conservar a limpeza do sangue de origem nobre ou ilustre”.(Freyre: 1987,341)*

Além dos casamentos consangüíneos, tão comuns, era costume geral no Brasil, as mulheres casarem extremamente jovens, aos doze, treze, catorze anos, mal saídas da infância. Aos quinze anos os pais já começavam a ficar inquietos com a possibilidade de aos vinte anos a jovem já ser considerada solteirona. E é certo que os maridos eram da escolha e conveniência dos pais, e estes eram raramente desobedecidos. As jovens viviam sob extrema vigilância da família e das mucamas, que as acompanhavam o tempo todo guardando sua honra o tempo todo guardando sua honra.

*“A dificuldade que reconhecemos é mais a física: a das grossas paredes, a dos verdadeiros ralos de convento em que, nas casas-grandes, se guardavam as sinhás-moças. Aí vinha colhê-las verdes os casamentos: aos treze e aos quinze anos...” (Freyre: 1986,340)*

Vemos que ao contrário da Europa, onde era costume as mães ricas não amamentarem seus filhos, entregando-os às amas, obedecendo a um modismo, no Brasil o que acontecia era que pelo fato das jovens freqüentemente morrerem de parto, por serem mães muito precocemente, seus filhos eram criados pelas amas-de-leite.

Marca também essas famílias, apesar do apego e a solidariedade entrê seus membros e os que viviam na casa-grande, um sentimento de rivalidade que levava à guerra famílias e vizinhos, por vezes durante gerações.

seus destinos, ou o pai lhes escolhia um noivo ou iam para o convento. Esta sociedade era eminentemente uma aristocracia rural, a pouca vida urbana era marcada pelas características rurais.

*"É verdade que para escandalizar o padre inglês não eram precisos casos extremos de incestos: bastavam os casamentos, tão freqüentes no Brasil desde o primeiro século da colonização, de tio com sobrinha; primo com prima. Casamentos cujo fim era evidentemente impedir a dispersão dos bens e conservar a limpeza do sangue de origem nobre ou ilustre". (Freyre: 1987,341)*

Além dos casamentos consangüíneos, tão comuns, era costume geral no Brasil, as mulheres casarem extremamente jovens, aos doze, treze, catorze anos, mal saídas da infância. Aos quinze anos os pais já começavam a ficar inquietos com a possibilidade de aos vinte anos a jovem já ser considerada solteirona. E é certo que os maridos eram da escolha e conveniência dos pais, e estes eram raramente desobedecidos. As jovens viviam sob extrema vigilância da família e das mucamas, que as acompanhavam o tempo todo guardando sua honra o tempo todo guardando sua honra.

*"A dificuldade que reconhecemos é mais a física: a das grossas paredes, a dos verdadeiros ralos de convento em que, nas casas-grandes, se guardavam as sinhás-moças. Aí vinha colhê-las verdes os casamentos: aos treze e aos quinze anos..." (Freyre: 1986,340)*

Vemos que ao contrário da Europa, onde era costume as mães ricas não amamentarem seus filhos, entregando-os às amas, obedecendo a um modismo, no Brasil o que acontecia era que pelo fato das jovens freqüentemente morrerem de parto, por serem mães muito precocemente, seus filhos eram criados pelas amas-de-leite.

Marca também essas famílias, apesar do apego e a solidariedade entre seus membros e os que viviam na casa-grande, um sentimento de rivalidade que levava à guerra famílias e vizinhos, por vezes durante gerações.

A discórdia podia começar com o sumiço de um bezerro ou questões de herança ou honra.

*"Mal inseparável do privatismo: do exagerado sentimento de propriedade privada. O qual começa criando rivalidades sangrentas entre vizinhos - grandes senhores de terras - para terminar balcanizando continentes".(Freyre: 1986,342)*

É fato que quando no século XVIII o ciclo da mineração tomou conta da economia a sociedade sofreu uma modificação, houve o enriquecimento de uma camada da população que passou a ser mais capitalizada e urbana, e, portanto houve uma mobilidade social onde as classes sociais passaram a depender da condição financeira, não importando a cor, o credo ou a origem.

No século XVIII freqüentam o colégio os filhos dos funcionários, dos senhores de engenho, dos criadores de gado e os que representam a nobreza e a burguesia. Queria mais a coroa portuguesa que os brasileiros fossem estudar em Coimbra, mantendo assim a colônia incapaz de cultivar as ciências, prolongando os vínculos de dependência metrópole - colônia.

Portugal talvez não tivesse recursos docentes suficientes para transferir para a colônia. Coimbra e Lisboa são os centros de formação portugueses, desde 1073, Coimbra tem o Mosteiro de Santa Cruz, de formação de padres. Portugal, nos primeiros séculos, vive de ser guerreiro e conquistador de terras. Não se encontrava a grande maioria da população entre os nobres, pensadores e cientistas e sim entre os guerreiros.

Na metade do século XVIII, quando as jazidas de ouro estavam se esgotando e a coroa portuguesa cada vez mais exigia pesados impostos dos mineradores, que em consequência disto estavam cada vez mais pobres, vemos nascer dessa insatisfação acalentada pelos ideais políticos que vinham da revolução francesa, como vimos do movimento Iluminista, o movimento da Inconfidência Mineira.

As primeiras mudas de café chegam ao Brasil em 1727, seu cultivo é facilitado pelo grande contingente de mão de obra escrava, que havia sido desviado da mineração do ciclo do ouro que se encerra. A produção de café,

cujo cultivo se centralizava em torno da capital, deu base econômica e política ao Brasil, até 1840, que chegou a ser o maior produtor mundial. A riqueza gerada no ciclo do café foi investida na industrialização do país, principalmente nas indústrias de alimentos, vestuário e na madeira. Nas fazendas, o trabalho escravo começa a ser substituído pelo trabalho do emigrante.

A família real chegou ao Brasil em 1808, fugindo da guerra comandada por Napoleão Bonaparte, que dominou quase toda a Europa, apoiada pelos interesses dos conservadores burgueses, com o objetivo e pela necessidade de manter a economia mercantilista.

D. João VI, sabia da urgência de se criar escolas de formação de oficiais, de médicos e de engenheiros, no Brasil, visto que Portugal estava em guerra. Portanto dentro desta perspectiva profissionalizante, a 18 de fevereiro de 1808 é criada a Escola de Cirurgia no Hospital Real da cidade da Bahia, no dia 23, no Rio de Janeiro, uma cadeira de Ciências Econômicas e, a 5 de maio, a Real Academia de Guardas-Marinha e outras. Porém, só em 1810, é criada a primeira faculdade oficial brasileira, a Academia Real Militar, no Rio de Janeiro. Como vemos, mais de três séculos depois do descobrimento.

No 2º reinado, houve um acúmulo de capital na cafeicultura (1840), porém, a Inglaterra, interessada em baratear o custo do café brasileiro e exportar seus produtos, dificulta a importação de escravos. A mão de obra escrava fica cara, o que faz com que os senhores defendam a abolição da escravatura e, paralelo a isso, favoreça-se a imigração de estrangeiros trabalhadores. Esses fatos acabam por abalar as bases políticas da monarquia.

A proclamação da República foi inevitável. Apoiado pelas camadas médias, pelos estudantes e depois pela burguesia cafeeira, o regime republicano favoreceu a prosperidade econômica, o crescimento da cafeicultura. Em contra partida, a produção de borracha na Amazônia foi relegada pelo governo e sofreu (1920) uma crise grave com a concorrência asiática, cuja borracha era colhida em seringais artificiais.

O desenvolvimento da cafeicultura criou condições para a implantação da indústria. O acúmulo de capital e o crescente mercado interno induzido pela classe trabalhadora e pela classe média, favoreceram também o aparecimento dos primeiros sindicatos (1907). *“Ao longo dos períodos colonial e imperial, as ocupações próprias das camadas médias se multiplicaram segundo várias linhas de determinação”.*(Cunha: 1986,160)

As necessidades de atender às demandas das mudanças econômicas do país levam a classe média a um aumento de determinadas ocupações. Juntam-se ainda os ascendentes das classes trabalhadoras e os filhos de colonos das fazendas. Isto porque o caráter cíclico da economia brasileira levava por vezes os latifundiários à ruína.

*“Os grupos ascendentes eram formados de indivíduos oriundos das classes trabalhadoras, principalmente filhos de trabalhadores por conta própria das cidades e de descendentes de colonos das fazendas: eles buscavam nos cargos públicos subordinados dos escritórios, das lojas, e das repartições, se afastar das ocupações manuais, rejeitadas devido às condições de exploração, mais duras do que a dos funcionários, e devido à ideologia, profundamente arraigada, definidora do trabalho manual como próprio de escravos”.*(Cunha: 1986,162)

Com a República e a instauração do regime federativo aumentam as atividades burocráticas e as repartições estaduais. Vê-se, então, uma crescente procura pela educação escolar e pela formação profissional adequada ao desempenho dessas ocupações. Os latifundiários queriam seus filhos doutores, os trabalhadores urbanos e os colonos queriam os seus na burocracia pública ou privada. A escola e os cursos superiores eram uma ponte para a ascensão social e garantia de possíveis cargos políticos.

*“O curso de direito era, por essa época, um verdadeiro curso de cultura geral. O bacharel era burocrata por excelência em qualquer setor do Estado...”. “No entanto, não só o título de bacharel propriamente dito, mas qualquer diploma de escola superior, anel de grau, vestuário e fala conferiam aos seus portadores, os doutores, um status muito especial na sociedade brasileira.”* (Cunha :1986,164)

Estimulados pela ideologia do bacharelismo, os jovens das classes dominantes e médias procuravam obter um diploma de curso superior, fosse ele qualquer um que fosse.

Foi portanto, durante as primeiras décadas da República que se viu uma multiplicação das faculdades e algumas mudanças facilitando as suas condições de admissão. Estes fatos deveram-se ao aumento da procura pelo ensino superior, que foi produzido pela necessidade de adaptação às transformações econômicas, já referidas anteriormente, e como resposta às lutas pelos ideais liberais e positivistas, pelo ensino livre e contra os privilégios ocupacionais daqueles que possuíam diplomas escolares.

Esse tema foi abordado para que pudesse servir de indicador de como as mudanças econômicas e políticas influenciaram nas condições de ocupação e cargos dos jovens no decorrer da história, também no Brasil.

E parece que fica claro que a vida da família, e as relações entre a família e os outros segmentos da sociedade estão fortemente ligados às condições socioeconômicas do país.

### **CAPÍTULO III**

#### **A FAMÍLIA E O JOVEM**

##### **A Família**

Com a industrialização e a implantação do capitalismo, a família, acompanhando todas essas mudanças políticas, econômicas e sociais, vai se adequando e promovendo as reestruturações necessárias para viver neste mundo moderno. Como se poderia esperar, a família se reorganizou dentro dos novos padrões sendo coerente com os valores dominantes, dos novos contextos históricos do mundo em nossa cultura.

No começo, a família moderna está centrada no seu interior, suas preocupações giram em torno das crianças, que passam a ter o status de responsáveis pelo mundo de amanhã. Faz-se necessário então, investir nas ciências, para que estas evoluam no sentido da promoção da saúde e educação da prole. A psicologia e a pedagogia oferecem teorias que passam a dar conta das explicações do desenvolvimento das crianças e da prevenção das doenças ou dificuldades de aprendizagem.

Nessa época, as teorias psicológicas partiam de premissas que alegavam que as famílias tinham uma relação causal com a demência. Encontravam relação direta entre a família, as deficiências mentais ou a loucura. Acreditavam que tratando as crianças na infância, evitariam um adulto com patologias mentais. No início do século XX a preocupação com as crianças alcança as mentalmente perturbadas. Em 1909, William Healy fundou a primeira clínica de orientação à criança. Além das famílias, os professores também recebiam orientação.

Durante a II Guerra Mundial, Norbert Weiner, matemático do MIT, foi chamado a desenvolver um armamento militar, que deveria atingir alvos móveis e acabou desenvolvendo uma teoria sobre sistemas, a cibernética. A cibernética vem falar no conceito de retroalimentação ("feedback loops"), que é

o processo pelo qual um sistema consegue a informação necessária para se auto corrigir para alcançar seu objetivo programado. A retroalimentação pode conter informações para o sistema se relacionar tanto com o ambiente externo quanto com as próprias partes do sistema. A retroalimentação tanto pode ser positiva quanto negativa. A cibernética foi desenvolvida para entender sistemas de máquinas. A ênfase foi colocada na retroalimentação e na manutenção da homeostase.

A cibernética foi introduzida na compreensão do sistema familiar por Gregory Bateson. Bateson entrou em contato com Weiner e com a cibernética logo depois da II Guerra Mundial, durante as *Macy Conferences*, uma série de encontros de pensadores de alto nível, de diversas disciplinas, que tentavam aplicar suas teorias aos problemas em uma variedade de campos. Bateson ficou interessado nos processos de retroalimentação dos sistemas e foi o pioneiro na realização de uma mudança conceitual que se tornou fundamental para o modo de pensar dos sistemas familiares - a mudança da causalidade linear para a causalidade circular.

Portanto, a família começa a ser estudada como um sistema que precisa manter sua homeostase e que está inserida em outras redes com duas vertentes, de crescimento e de movimento. Então, os conceitos de ciclo vital, que será definido adiante, e das estruturas de família enquanto sistemas que se mantêm estáveis vieram da área clínica pela necessidade de tratar os pacientes mentalmente perturbados e suas famílias.

Logo, entender a família do adolescente é entender que se desprender desse jovem faz parte do ciclo vital. O ciclo de vida familiar apresenta fases definidas, que podem abranger do nascimento até a morte, passando pelo casamento, nascimento dos filhos, saída dos filhos, velhice, aposentadoria e outras etapas estrategicamente delimitadas para se entender o ciclo vital.

*"Como um sistema movendo-se através do tempo, a família possui propriedades basicamente diferentes de todos os outros sistemas. Diferentemente de todas as outras organizações, as famílias*

*incorporam novos membros apenas pelo nascimento, adoção ou casamento, e os membros podem ir embora somente pela morte, se é que então. Nenhum outro sistema está sujeito a estas limitações”.(Cartel, B. & McGoldrick, M: 2001,9)*

Em sistemas familiares, há envolvimento de pelo menos o sistema emocional de três gerações, ultimamente até quatro. A influência da família não se restringe aos membros da estrutura doméstica ou algum ramo da família, e embora não se possa deixar de reconhecer o domínio das famílias nucleares, subsistemas emocionais, reagindo aos relacionamentos passados, presentes e antecipadamente futuros. *“As pessoas não podem alterar o fato de serem relacionadas a quem são na complexa teia de laços familiares ao longo de todas as gerações”.(Cartel & McGoldrick: 2001,10)*

O processo familiar existe numa dimensão linear de tempo, existe um impacto modelador de vida de uma geração sobre as subsequentes. Assim os eventos acontecidos em gerações passadas têm efeito sobre os eventos nas gerações futuras. Por exemplo, o impacto de experiências dolorosas de doença e morte numa geração provavelmente têm um impacto de longo alcance nas gerações seguintes.

Conforme mostra a figura1, existem duas forças interagindo na família, um fluxo vertical que simboliza a bagagem das gerações e um fluxo horizontal que simboliza a caminhada da família ao longo do tempo.

*“O fluxo vertical em um sistema inclui padrões de relacionamentos e funcionamento que são transmitidos para as gerações seguintes de uma família principalmente através do mecanismo de triangulação emocional. Ele inclui todas as atitudes, tabus, expectativas, rótulos e questões opressivas familiares com as quais nós crescemos. Poderíamos dizer que esses aspectos de nossa vida são como a mão que nos maneja: eles são os dados. O que fazemos com eles é problema nosso.*

*O fluxo horizontal no sistema inclui a ansiedade produzida pelos estresses da família conforme ela avança no tempo, lidando com as mudanças e transições do ciclo de vida familiar. Isso inclui tanto os estresses desenvolvimentais previsíveis quanto os imprevisíveis, os golpes do destino...”(Cartel & McGoldrick: 2001,12).*

## Estressores Verticais

### NÍVEIS DO SISTEMA

Padrões, mitos, segredos e legados familiares

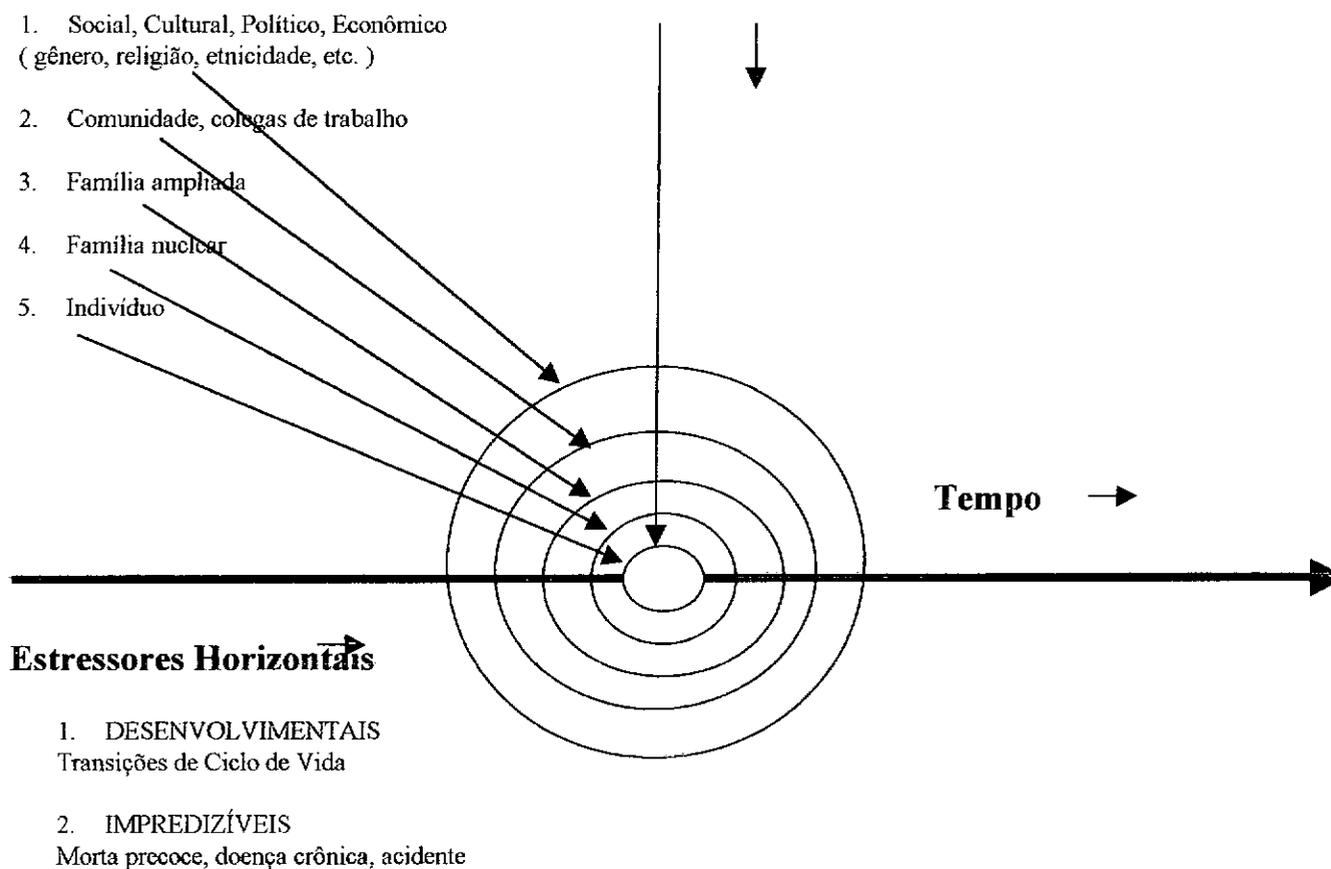


Figura 1. Estressores horizontais e verticais.

Os estágios do ciclo familiar apontam para as mudanças de procedimento que as famílias precisam fazer para que possam mudar de status familiar, na verdade são as rearrumações que a família faz para superar os estágios de transição do ciclo familiar.

Agora, ao estudarmos o ciclo da vida das famílias fica claro que a pós-modernidade trouxe transformações que provocaram mudanças profundas no significado de família. Na família moderna, a quantidade de filhos diminui, a popularização dos métodos anticoncepcionais favorece que a família realize seu planejamento familiar, os casais decidem, até mesmo antes do casamento quantos filhos podem ter.

A mulher vai gradativamente se desprendendo da sua imagem idealizada de rainha do lar e vai conquistando o mundo do trabalho. A tecnologia invade as casas, facilitando as tarefas domésticas e aumentando a disponibilidade para a mãe assumir um papel também, de provedora da família, desmistificando o tabu e a rigidez dos patriarcados.

Essa família de hoje, do mundo globalizado, é reflexo de uma sociedade em ritmo vertiginoso de mudanças. Os novos papéis que as mulheres conquistaram trazem repercussões importantes para a família e a sociedade de uma maneira em geral. As famílias deste novo milênio são despertadas o tempo todo para as mudanças constantes.

A própria constituição da família mudou. O divórcio e a facilidade dos recasamentos, antes comuns nos casos de viuvez, dão uma nova perspectiva à família de agora. Os filhos podem ser de um, podem ser do outro, ou dos dois. Os laços parentais são indissolúveis, mas os arranjos familiares se modificaram neste novo contexto da globalização. Nos recasamentos os laços afetivos têm que ser refeitos, até para poder prevenir, de uma certa forma, os nós afetivos.

Os casais atuais podem não ser mais heterossexuais, os filhos podem ser fruto de inseminações artificiais, ou até com mais ousadia, clonados. O conceito de família se alargou, se avolumou, se diversificou e cresceu, ganhou novas histórias e novos personagens.

A família nuclear, pai, mãe e filhos, vai sendo compreendida não como a única forma de família, mas como uma das diversas formas que a família encontrou para se agrupar.

Na verdade, muito embora as formas de organização da família mudem em função das mudanças sociais, a família continua desde sempre com a função de transmissora dos valores culturais da sociedade presente.

## O jovem a caminho do mundo

Na família de hoje o jovem tem um lugar, diferenciado e também muito diverso daquele jovem que vivia em outras épocas. O jovem é estudado pelas ciências e sua condição biológica de desenvolvimento reconhecida e respeitada como tal. Tem um status dentro da família e dos diversos segmentos sociais onde ela está inserida.

Embora, como já vimos no presente trabalho, o jovem seja reconhecido como sendo diferente da criança e do adulto, ainda levanta uma série de definições sobre sua condição. Na Idade Média, a juventude já era vista como tempo dos apetites e de seu excesso, como uma continuação direta da infância. Diziam que a infância era a idade da fragilidade do corpo e das primeiras aprendizagens, e que a juventude era a idade da fragilidade da alma e da razão.

A correspondência entre a cronologia e a terminologia para definição das fases é que apresenta diferenças, que variam de acordo com as culturas ou mesmo a estrutura socioeconômica das sociedades. Os critérios que se usa para definir as fases da adolescência e da juventude, em faixas etárias, podem por vezes ser imprecisos, mas não contraditórios ou excludentes dos conceitos em si.

*"A UNESCO indica que adolescência é o período que começa aos 15 anos de idade e vai até os 24 anos. Alguns autores como Colli Setian acham que esse período "adolescência" não pode ser tratado com "começo e fim" tão rígidos. A variação é de país para país e, pode-se dizer mesmo no caso do Brasil, de região para região. Causas psicossociais concorrem para essa flexibilidade." (UNESCO)*

Arminda Aberastury nos define a faixa etária da adolescência com a explicação do termo adolescência.

*"Literalmente, adolescência (latim, adolescência, ad: a, para a + olescere: forma incoativa de oler, crescer) significa a condição ou processo de crescimento. O termo se aplica especificamente ao período de vida compreendido entre a puberdade e o desenvolvimento completo do corpo, cujos limites se fixam, geralmente, entre os 13 e os 23*

*anos no homem, podendo estender-se até os 27 anos". (Aberastury: 1992,89)*

Ressalta que embora se costume abarcar os dois sexos neste período de tempo, as moças costumam estar adolescentes num período dos 12 aos 21 anos e os rapazes dos 14 aos 25 anos. As mudanças hormonais da puberdade provocam as mudanças nas características físicas da criança e as obrigam, querendo ou não, a entrar no mundo do adulto. Então, primeiro as mudanças acontecem na ordem do biológico e somente mais tarde, por volta dos 17 ou 18 anos, é que vamos poder observar uma certa maturidade dos afetos.

A mudança corporal é vivida como uma invasão súbita, incontrolável, de um novo esquema corporal, que modifica sua posição frente ao mundo externo e a obriga a procurar novas maneiras de conviver com esse mundo externo. Esse social exige que se comporte de acordo com sua aparência, de adulto. O mundo externo faz exigências e às vezes o jovem se refugia no seu mundo interno como uma forma de se proteger deste mundo exterior desconhecido.

O refúgio na infância contra esse temor do desconhecido é necessário, para que possa fazer o luto da infância que está perdendo. O jovem perde o seu papel de criança frente à família, a escola, e ao seu grupo de colegas.

Adolescência trata-se de um período intermediário entre a infância e a vida adulta, com características próprias de uma fase de mudanças. O adolescente individualmente passa por transformações da ordem do biológico, do psicológico e do social. Esse conjunto de transformações é vivido por eles como uma crise da idade ou uma fase da vida, com as crises de identidade próprias de quem precisa assumir outros papéis.

D.W. Winnicott, vem nos falar das diferentes formas de ver a passagem de tempo nas diversas culturas e aponta que entre os povos primitivos as mudanças puberais são ocultas sob tabus e em pouco tempo, poucas semanas, o jovem é transformado em adulto através de ritos de

iniciação. Para este autor, portanto, não é um sinal de saúde de uma sociedade, o fato de o adolescente poder ser adolescente na hora certa. Fica assim a clara idéia que a marcação de fase é produto da sociedade em que vivemos, das instituições dessa sociedade, a família e a escola.

Levanto aqui, uma questão para se pensar: Será que essas sociedades, onde a puberdade fica oculta sob tabus, na verdade não têm uma enorme dificuldade em lidar com os lutos e as crises de seus adolescentes? Será que os ritos não são uma maneira rápida, segura e garantida nessas sociedades, de não viverem junto com o jovem suas mudanças? Segundo Winnicott, *“em nossa sociedade atual os adultos são formados pelos processos naturais da adolescência, que se movem para frente por causa das tendências do crescimento”*. (Winnicott: 1980,101)

E aponta como pode ser angustiante para alguns adultos, que não viveram suas adolescências, presenciar e aceitar as necessidades do adolescente. O adulto sadio, amadurecido, passou para chegar neste estágio pelos estágios imaturos das fases anteriores da infância e da adolescência.

Da ordem das mudanças físicas, que como vimos, começam com as mudanças hormonais da puberdade, Winnicott nos diz que tanto os meninos quanto às meninas chegam à puberdade com todos os padrões predeterminados, por causa das experiências da infância, com marcas inconscientes e com o que ainda não foi experienciado.

Maurício Knobel ressalta que a adolescência faz parte de um processo psicológico *continuum* que começa desde o nascimento e perpassa todo o período vital; portanto a passagem da infância para a adolescência deve ser estudada como fazendo parte deste processo. É o momento atual do processo evolutivo e faz parte do caminho para entrar no mundo dos adultos, lembrando que a identidade representa cada momento do desenvolvimento humano.

Aberastury refere-se ainda à adolescência como:

*“A etapa da vida durante a qual o indivíduo procura estabelecer sua identidade adulta, apoiando-se nas primeiras relações objeto-parentais internalizadas e verificando a realidade que o meio social oferece, mediante o uso dos elementos biofísicos em desenvolvimento à sua disposição e que por sua vez tendem à estabilidade da personalidade num plano genital, o que só é possível quando consegue o luto pela identidade infantil.” (Aberastury :1992,26)*

As modificações que a puberdade traz, alteram a realidade que a criança tinha de seu corpo, sua imagem corporal, a realidade do sujeito, obrigando-a a modificar seu esquema corporal e o conhecimento físico de si mesma. Ela precisa elaborar a perda do seu corpo de criança, é fundamental o processo de luto com relação ao corpo infantil que perdeu. *“O esquema corporal é uma resultante intrapsíquica da realidade do sujeito, ou seja, é a representação mental que o sujeito tem de seu próprio corpo como consequência de suas experiências em contínua evolução”.* (Aberastury: 1992,31)

O reconhecimento das mudanças do corpo e os processos de redefinição de sua auto imagem e de seu auto conceito, passam pelos conceitos e valores que as outras pessoas e as instituições que frequenta têm dele. Para E. Erikson identidade não significa um sistema interno, fechado, impenetrável à mudança, mas sim um processo psicossocial que preserva alguns aspectos essenciais, tanto no indivíduo como em sua sociedade.

Neste processo de busca de identidade, o adolescente se depara com a realidade de que não terá mais seu corpo infantil e que essa realidade é irreversível. Paralelo à perda do corpo de criança, o adolescente terá que definir sua identidade sexual.

Junto com a perda de seu papel e sua identidade infantil, perde também seus pais de criança. É bom lembrar que não é somente o adolescente que deverá fazer lutos pelas perdas de seu corpo de criança e de seu papel na família, a família também vive perdas. O adolescente provoca uma revolução na sua família e nas outras instituições sociais às quais está ligado. Os pais também precisam elaborar a perda pelo corpo do filho

pequeno, pela identidade de criança do filho, e pela relação de dependência desse filho para com eles.

A adolescência tem uma dupla vertente, tanto os filhos precisam se desprender dos pais e se tornarem independentes, quanto também os pais precisam se desprender da relação com o filho criança, que está se tornando adulto e precisa ficar independente e autônomo.

A família tem que se reorganizar para vivenciar a relação com o filho adolescente que agora faz julgamentos críticos das atitudes e comportamento dos pais questiona valores e se rebela quanto às normas familiares, além do que obriga seus pais a se defrontarem com a dolorosa realidade de seu envelhecimento e morte. Os pais perdem a imagem idealizada que seus filhos têm deles, o adolescente substitui a relação de idolatria por uma sensação de desamparo e muitas vezes os comportamentos ambivalentes, horas amadurecido horas infantil, escondem uma defesa por ter que enfrentar as mudanças que a sociedade exige.

Ao vivenciar esta etapa de transição o adolescente apresenta características de personalidade, no sentido de adaptação e integração social, tão anormais que poderiam ser classificadas de patológicas, porém, talvez fosse mais anormal da parte dos adultos esperar por equilíbrio e estabilidade durante o processo adolescente.

Arminda Aberastury aponta ainda algumas passagens por vezes tão dolorosas do processo de adolecer, isto é, para chegar à maturidade e ter reconhecido sua própria condição de ser sujeito: *“é um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e social”*.(Aberastury: 1992,13)

A identidade adolescente se caracteriza pela mudança de relação do indivíduo, basicamente com seus pais, a relação com os pais externos reais e a relação com as figuras parentais internalizadas. A separação destes começa desde o nascimento, mas é na adolescência que querem desesperadamente ser eles mesmos. A presença externa, concreta, dos pais começa a ser desnecessária.

O meio social, o grupo, faz parte do processo de identificação, da super identificação, onde todos se identificam com cada um. Nesta fase, o grupo vai ser uma ponte de transição necessária para alcançar a individualização adulta. É no grupo que o adolescente vai encontrar reforço necessário para que seus aspectos em mudança sejam aceitos.

Outra característica marcante dessa fase é a necessidade de intelectualizar e fantasiar, e que vão servir como mecanismos de defesas às situações de perda tão dolorosas como as que passam ao terem que renunciar ao corpo, ao papel e aos pais da infância e ainda lidar com questão da bissexualidade que é característica da identidade infantil. A fuga do mundo interior, que está fervilhando com tantas questões que precisa elaborar e que são impossíveis de controlar, leva a intelectualizações conscientes fáceis de manejar.

Outros comportamentos peculiares dessa fase são as urgências enormes e as postergações aparentemente irracionais. O adolescente vive uma certa deslocalização temporal, converte o tempo em presente e ativo numa tentativa de manejá-lo, espacializa o tempo vivendo com o mesmo uma relação como com um objeto. Esses recursos que o adolescente usa como defesas servem para poder conservar de certa forma a criança que existe dentro dele.

*“À medida que vão se elaborando os lutos típicos da adolescência, a dimensão temporal adquire outras características. É aqui que surge a conceituação do tempo, que implica a noção discriminada de passado, presente e futuro, com a aceitação da morte dos pais e a perda definitiva do seu vínculo com eles, e a própria morte.” (Aberastury: 1992,43)*

As mudanças de humor são típicas e até certo ponto compreensíveis visto que precisam se proteger de tantas perdas. Quando o mundo adulto compreende adequadamente o adolescente e facilita sua tarefa evolutiva, ele poderá desenvolver mais profundamente e menos dolorosamente uma identidade mais saudável e feliz.

Concluindo podemos dizer que a adolescência é um período de transição entre o ser criança e o ser adulto. Esta situação de ser e não ser e a busca da identidade psicológica criam uma grande confusão que provoca a crise, bem definida pelos franceses como *l' âge bête*. A adolescência é um fenômeno biopsicossocial do processo de crescimento e desenvolvimento do ser humano, nitidamente marcada pela família que vai levar o adolescente à aquisição da consciência de sua identidade.

Na adolescência o indivíduo é chamado a fazer modificações de ordem pessoal e social, incluindo a luta pela independência financeira e emocional, a identidade sexual e a escolha de uma profissão.

## CAPÍTULO IV

### IDENTIDADE OCUPACIONAL: ESCOLHAS A FAZER

Para Arminda Aberastury, a dinâmica da adolescência, relaciona-se com a elaboração de três lutos básicos: o luto pelos pais, o luto pelo corpo infantil e o luto pelas formas infantis de relação.

Sobre as identificações que precisará fazer inclui-se a da natureza da escolha de uma profissão, escolha que vai implicar em ascender a papéis sociais adultos. A esse ajustamento, Rodolfo Bohoslavsky chamará de identidade ocupacional.

*"A identidade ocupacional é a autopercepção, ao longo do tempo, em termos de papéis ocupacionais. Chamaremos ocupação ao conjunto de expectativas do papel. Com isto, destacamos o caráter estrutural, do nosso problema, porque a ocupação não é algo definido a partir "de dentro" nem "de fora", mas a sua interação." (Bohoslavsky : 1995,55)*

Então, as ocupações são definidas num contexto de interação social. Não existe a ocupação sem aquele que a ocupa. Os papéis desempenhados numa determinada ocupação estão mais ligados a identificações com aquela função do que propriamente a identidade de quem desempenha o papel. Assim quando um jovem escolhe a carreira de seu pai para seguir, pode estar se identificando com o próprio pai e não necessariamente com os aspectos envolvidos no desempenho da profissão.

A identidade ocupacional se desenvolve como um aspecto da identidade pessoal e deve ser entendida como uma continua interação de fatores internos e externos à pessoa. A escolha da identidade ocupacional é gerada nas relações interpessoais.

No terreno das ocupações as relações afetivas estão intimamente ligadas às escolhas, ou melhor, às profissões, aos desempenhos adultos do futuro, estão personificadas e muitas vezes têm uma carga de valores onipotentes e mágicos. Assim o jovem pode imaginar que alguns atributos das

pessoas são conseguidos em virtude de suas ocupações, dessa forma a identidade profissional estaria vinculada às características pessoais de quem ocupa as funções, e isso nos remete a pensar que fazer uma escolha pode significar para o jovem, abrir mão de outras tantas que poderia ser. *"Para o adolescente, definir o futuro não é somente definir o que fazer, mas, fundamentalmente, definir quem ser e, ao mesmo tempo, definir quem não ser."* (Bohoslavsky :1995,54)

Portanto a conquista de uma identidade ocupacional está sujeita às mesmas dificuldades e faz parte da mesma crise da identidade pessoal. Significa também lidar com perdas, fazer lutos pelas identidades que não pode ter.

O sistema de valores do contexto social e familiar do jovem vai apontar para ocupações mais ou menos valorizadas e o vínculo que o adolescente estabelece com o futuro pode estar impregnado de fantasias construídas na associação profissional e profissão.

Sobre os valores que se delega às ocupações, aos objetos e aos sujeitos, em 1575, Huarte de San Juan escreveu em seu tratado pedagógico Examen de Los Ingenios, dedicado a Felipe II da Espanha:

*"Ninguém chegou a dizer, distinta e claramente, que a natureza é a que faz, ao homem, hábil para uma ciência e incapaz para outra e quantas diferenças de engenho se encontram na espécie humana, e que artes e ciências correspondem a cada um em particular e com que indícios poder-se-ia conhecer o que mais importava".* (Bohoslavsky : 1995,46)

As *"naturezas herdadas"* habilitavam uns e desabilitavam outros para esta ou aquela ocupação. A delimitação das habilidades e engenhos herdados levava as pessoas a alcançar um equilíbrio social, ocupando profissões que se ajustavam a sua natureza. Essa teoria de fundamentação biológica apontava para uma característica inata chamada vocação.

Hoje, mais de 400 anos depois, atribui-se mais importância à aprendizagem do que ao congênito, e as teorias psicológicas apontam para as diferenças individuais assim como o avanço tecnológico permite uma gama de

possibilidades nos campos de trabalho e diversificação das atividades profissionais. Mesmo assim, por mais que a idéia de que a natureza biológica tenha sido substituída pela cultural, ainda permanece a suposição de que existe a pessoa certa para o lugar certo, pensando-se no homem como objeto de observação em vez de no sujeito com possibilidades de escolha.

A escolha da carreira, a definição de uma identidade ocupacional, vem apontar para a escolha de um objeto interior, que passou por processos intrapsíquicos. Quem escolhe não está escolhendo somente uma carreira, mas está escolhendo com o que, como, onde e com quem trabalhar. Está se inserindo numa realidade ocupacional, no mundo do trabalho. Portanto, temos que recorrer ao intrapsíquico para explicar o processo de escolha que se fundamenta na função subjetiva da identificação.

*"Cada vez que um sistema psíquico pode realizar a sua finalidade (dar sentido) encontra prazer. Ou seja, todo sentido implica uma vivência de prazer, pois se trata de um investimento, condição mínima necessária a vida. Por isso o prazer é onipotente na economia psíquica". (Jardim & Silva: 1996,110)*

Entretanto, de um sistema psíquico na busca de uma experiência podemos esperar que uma contradição ocorra e, conseqüentemente, a experiência de desprazer, cindindo o desejo em dois pólos, pulsão de vida e pulsão de morte.

Em nossa cultura a mãe é a mediadora entre o mundo e a criança. Não só é a mediadora, mas traz o ideal coletivo da sociedade em questão, *"para que um indivíduo possa se constituir e necessário que haja um modelo ideal, através de uma mediação, a idealização dos pais, ou substitutos e ideais coletivos. Esse modelo é o ideal do Eu."*(Jardim & Silva: 1996,111)

O ideal do Eu, além do aspecto individual, vem marcar o que constitui o ideal comum de uma família, classe ou nação. É a instância que estrutura o sujeito psíquico, vinculando-o à lei e à ordem. A noção de Ideal de Eu é que nos permite estabelecer uma relação entre processo identificatório e

ser profissional. A sensação de triunfo vem quando o Eu consegue coincidir com o Ideal do Eu.

Sobre a escolha do jovem, então podem pesar não só os valores do sistema social, mas também os familiares, que podem ser considerados sob dois aspectos, primeiro é a percepção valorativa que a família tem a respeito das ocupações e segundo a própria problemática vocacional dos membros da família.

*"O grupo familiar constitui o grupo de participação e de referência fundamental, e é por isso que os valores desse grupo constituem bases significativas na orientação do adolescente, quer a família atue como grupo positivo de referência, quer opere como grupo negativo de referência". (Bohoslavsky. 1995, 58)*

As satisfações e as insatisfações que as pessoas significativas para o jovem experimentam, em função das vivências das mesmas com relação aos seus ideais, exercem um papel importante de influências que desde criança o adolescente recebe em seu lar.

O trabalho não entra na vida das pessoas, o trabalho está lá desde sempre, mas a partir do momento que se tornou uma medida de valor na vida das pessoas, trouxe mudanças nas configurações de valores das pessoas em relação ao trabalho, uma transformação cultural lenta e gradual ao longo dos séculos. O trabalho deixa de ser natural, a vida no cotidiano, e passa a ser um bem terreno e de certo modo um poder que pode ser acumulado.

O trabalho passa a ser visto pela produtividade e pela utilidade e, portanto vai produzir diferenças entre as funções e logo entre as pessoas que as ocupam. A questão da identificação e da profissão, passa pela noção de projeto, de se preparar, se capacitar para construir um ideal de ser profissional.

## CAPÍTULO V

### Considerações finais

A proposta inicial deste estudo foi encontrar uma relação entre as escolhas profissionais dos jovens e a influência que poderiam receber de suas famílias em relação a estas escolhas. Busquei através dos eixos norteadores, os elementos necessários que me levassem a alguma resposta.

O primeiro norteador, a história das relações da família com o trabalho me levou a concluir que o capitalismo trouxe mudanças radicais na maneira como a humanidade se relaciona com o trabalho, procurei dar uma visão histórica de como no Brasil essas relações se estabeleceram.

O segundo norteador, a adolescência e suas crises de identidade indicaram que ao final o jovem deverá se tornar um adulto assumindo papéis e adquirindo sua autonomia emocional, profissional e social.

O terceiro norteador, a família e as influências que sempre exerceu em todas as etapas da vida do indivíduo, me fazem concluir que está sempre presente nos momentos de escolha profissional, quer diretamente apontando caminhos, quer indiretamente como sustentáculo da bagagem psíquica.

Então, como vimos, na Idade Média, a entrada do ofício na vida do jovem, acontecia de forma natural; com a evolução do capitalismo o trabalho passou a ter outro valor, passou a ser o atalho do poder e do capital acumulado mudando a configuração cultural e os valores em relação à medida do valor do trabalho. O trabalho, então, passou a entrar na vida das pessoas como uma fonte de subsistência e com marcas de satisfações ou não por aquilo que se faz. Fundamentalmente, o que ficou claro para mim, nesta pesquisa, foi que a questão da escolha profissional passa pelo desejo e é marcada pela cultura. A noção do projeto profissional fica assim embutida nas questões que abordamos no texto, sobre adolescência, sua crise e suas identificações.

A família, com a função de transmitir os valores morais e culturais da sociedade presente suporta esta passagem e se reestrutura sempre que necessário, para manter sua unidade.

**BIBLIOGRAFIA:**

Aberastury, A. e Knobel, M. - Adolescência Normal, ed. Artes Médicas, 1992.

Áries, Phillip - História Social da Família, ed. Guanabara, 1981.

Baumann, Zygmunt – Globalização: As conseqüências humanas, ed. Zahar, 1998.

Bohoslavsky, Rodolfo - Orientação Vocacional, A estratégia Clínica, ed. Martins Fontes, 1985.

Brun, Gladis - Bem-Me-Quer Mal-Me-Quer: Retratos do Divórcio, ed. Record, 2001.

----- - Pais, Filhos & Cia. Ilimitada, ed. Record, 1999.

Carter, Betty e McGoldrick Minoram – Mudanças no Ciclo de Vida Familiar, ed. ArtMed , 2001.

Cunha, Luiz Antônio - Universidade Temporã, ed. Francisco Alves, 1986.

Freyre, Gilberto - Casa Grande e Senzala, ed. Record, 1986.

Jardim, Silvia Rodrigues/Silva Filho, João Ferreira - Profissão, Identificação e Projeto, Physis: Revista Saúde Coletiva 6(12), 1996.

Knobel, Mauricio - Orientação Familiar, ed. Papyrus, 1992.

Laplanche, J. e Pontals, J. B. – Vocabulário de psicanálise, ed. Martins Fontes, 1986.

Levi, Giovanni e Schinitt, Jean-Claude – História dos Jovens, Vol I ed. Companhia das Letras, 1996.

Nichols, Michael P. e Schwartz , Richard C. - Terapia Familiar : Conceitos e Métodos , ed. Artmed,1998.

Silva, Francisco Alves e Bastos Pedro Ivo de Assis - História do Brasil, ed. Moderna, 1981.

Winnicott, D.W. - A família e o desenvolvimento do indivíduo, ed. Interlivros, 1980.



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS -  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO**

**AVALIAÇÃO DE MONOGRAFIA**

Título da monografia: A influência da família na escrita profissional - um olhar atual

Autor: Rigina Ferreira Solano

Professor Orientador: Rita Elomso

Professor Leitor: Lygia Elzatha Coelho

Parecer do Orientador:

No que diz respeito ao problema bastante atual, sugiro maior aprofundamento em estudos posteriores, sobretudo quanto à parte final que destaca a intersecção entre o singular (desejo) e o universal (cultura) inseridos na contemporaneidade.

Quanto à forma, fez-se necessária algumas correções de pontuação e digitação.

Considero o trabalho bom e realço o esforço da aluna em levá-lo a termo.

Parecer do Professor Leitor:

A monografia apresenta os itens constitutivos de um trabalho de pesquisa (tema, problema, objetivos) e está bem construída em termos de redação.

Senti a ausência de maior aprofundamento teórico-metodológico no título que trata, especificamente, do tema em questão - influência da família na escrita profissional. No entanto, tudo em vista o tempo dedicado à conclusão da monografia, considero Bom o trabalho realizado pela aluna Rigina Ferreira Solano.

Conceito B  
Lly

Conceito Final: B

Data: 31/07/2002

Assinaturas:

Rigina Ferreira Solano  
Rita Elomso  
Lygia Elzatha Coelho